

A Formação de Professores de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul: um olhar sobre a primeira turma do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos Do Pantanal” - Prolind

Vladimir Sérgio Bondarczuk¹

GDn° 5 – História da Matemática/Educação Matemática

Resumo: O presente projeto tem como objetivo compreender o curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” (Prolind) da UFMS(Campus de Aquidauana), de modo a caracterizar os processos que levaram à criação, implantação e estruturação do curso bem como os perfis do corpo docente e a estrutura física da instituição e assim criarmos uma versão histórica sob o olhar de cada entrevistado. Para desenvolvermos esta pesquisa adotamos a História Oral como metodologia de pesquisa. Por meio dela constituiremos narrativas que, juntamente com outras fontes escritas, nos permitirão narrar sobre a formação de professores indígenas do território etnocultural “Povos do Pantanal”. O Prolind se trata de um curso de nível superior voltado exclusivamente para formação de indígenas, para que esses possam exercer o magistério dentro de suas próprias etnias. Cumpre lembrar que esta pesquisa está ligada ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) e faz parte de um projeto do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), que visa mapear a formação e atuação de professores de matemática no país.

Palavras-chave: Formação de Professores, Licenciatura Indígena; História Oral

Introdução

No ano de 2014, após 10 anos trabalhando na tesouraria do Campus de Aquidauana-MS, fui transferido para a chefia da BPEC-UT (Base de Pesquisa Etno-Cultural), local onde fica estabelecido Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas “Povos do Pantanal” que atende aos alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”- PROLIND.

Quando lá cheguei e passei a ter contato com o curso, com os professores e alunos, despertou em mim o desejo de compreender como foi o processo de criação de um curso de licenciatura voltado para indígenas e em particular os povos que compõem o território do pantanal de Mato Grosso do Sul.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail:vladimir.bondarczuk@ufms.br, orientador: Dr.Thiago Pedro Pinto.

Com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - PPGEduMat da UFMS como aluno do Mestrado e a participação no Grupo: História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP), tenho construído uma nova visão sobre a formação de professores. Imaginava que apenas os documentos responderiam as minhas questões e anseios, pois acreditava que eles seriam a mais fiel explicação sobre os fatos ocorridos. As discussões e leituras caminhavam para outra direção.

Questionamentos do tipo: Qual o significado da criação desse curso para a UFMS? Qual o significado do curso para os alunos envolvidos? Que benefícios a criação desse curso trouxe para os povos indígenas? Como acontecem essas formações na prática? Diante da demanda, a efetivação desses cursos aconteceu ou acontece de forma “marginal”? (entendendo aqui a marginalidade como o desenvolvimento a margem da sociedade), nortearão nosso trabalho.

O Grupo HEMEP desenvolve estudos em relação à história da educação matemática, com objetivo de mapear a formação e prática de professores que ensinam matemática em nosso estado. Por conseguinte, esse grupo atua acerca dos aspectos históricos do ensino e da aprendizagem de matemática, da história da formação dos professores, da história oral e da narrativa desses sujeitos.

O Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática (GHOEM)² aborda a formação de professores de matemática, as narrativas e a história oral, entre outros temas relacionados à educação matemática. De acordo com o livro: “Cartografias Contemporâneas”, organizado por Garnica (2014), estudos e pesquisas relacionadas à educação matemática nas últimas décadas, têm se preocupado com a superação do fracasso e qualidade de ensino com foco na formação de professores, considerando esses profissionais como um dos principais responsáveis pela transformação e mudança do quadro relacionado ao ensino e a aprendizagem da matemática. O autor afirma que essas pesquisas têm mostrado de forma genérica “como se o professor de matemática tivesse uma característica única e validade em todos os campos e lugares” Garnica (2014, p.14).

Nesse contexto de pesquisa, o GHOEM atua considerando a diversidade de agentes sociais, os meios em que estão inseridos, os espaços geográficos, os aspectos históricos/culturais e as instâncias relacionadas à formação de professores que ensinam

² <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/index.php>

matemática, além de considerá-los como atuantes nesses contextos como “homens e mulheres vivendo em comunidade no tempo”, Garnica (2014, p.15).

Da mesma forma, pesquisadores dos grupos HEMEP e GHOEM ressaltam a necessidade de atentar para as articulações implícitas, também nos registros formais, no âmbito da educação matemática.

Em seu artigo, Silva e Souza (2007), afirmam que as abordagens referentes à formação de professores que ensinam matemática estão direcionadas às instituições formadoras, aos documentos, às leis e às diretrizes educacionais, porém, às vezes, ignoram as relações externas a esses registros. As autoras apontam para a necessidade de mudança no foco das pesquisas, em que historiadores poderão construir significados a partir dos acontecimentos do passado, sem abandonar as formas de pesquisa supracitadas. Além disso, poderiam analisar esses fatores de forma crítica com a finalidade de encontrar elementos, até então ignorados ou subestimados, e possíveis potencialidades geradas por eles.

Esta pesquisa se vincula, portanto, ao Grupo HEMEP, constituindo parte do mapeamento no estado e ao GHOEM, contribuindo com o mapeamento em nível nacional. Estamos, desta forma, também inseridos no campo da História da Educação Matemática Brasileira.

Alguns trabalhos desenvolvidos pelos Grupo Hemep

O Grupo HEMEP vem desenvolvendo alguns trabalhos relacionados com o mapeamento da formação e atuação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, como Oliveira (2009), que aponta e analisa as tensões surgidas no processo de discussão do currículo que orientou a formação de professores indígenas em um curso de Licenciatura em Matemática, Guarani e Kaiowá do estado de Mato Grosso do Sul oferecido pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Já Santos(2013) investiga aspectos didáticos e matemáticos valorizados por uma professora indígena ao ensinar geometria plana e espacial para uma turma do 3º ano do ensino médio, em uma escola indígena estadual do município de Dourados, em Mato Grosso do Sul, Silva (2011) discutiu as práticas de um professor de matemática em contexto multicultural, especificamente um docente indígena da etnia Guarani, que leciona numa escola indígena localizada no Sul de Mato Grosso do Sul.

Alguns trabalhos não vinculados ao PPGEdumat/UFMS

Existem trabalhos que tratam da formação e atuação de Professores de Matemática Indígenas em outros estados brasileiros que não estão vinculados ao PPGEdumat/UFMS, entre eles, podemos citar Medeiros (2014) que trata da proposta de implantação e manutenção do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e que formou a primeira turma em setembro de 2013 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pinto (2011) verificou, passado os dois primeiros anos do Curso de Licenciatura Específica para Formação de Professores indígenas/Turma Mura, com base no depoimento dos alunos, o grau de atendimento das expectativas iniciais por eles formuladas no momento de elaboração do Curso (2006-2007) e de seu Seminário de implantação (2008) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Breve histórico da criação do curso.

O Decreto Nº 6861 de 27 de maio de 2009 dispõe sobre a Educação Escolar Indígena e define sua organização em Territórios Etnoeducacionais, constituindo posteriormente o Território Etnoeducacional “Povos do Pantanal”, o qual se estabelece como foco de interesse deste trabalho.

Atualmente, com nove povos indígenas, o Estado de Mato Grosso do Sul concentra a segunda maior população indígena do Brasil e tem se tornado palco de um processo histórico de colonização bastante longo e complexo, esses povos indígenas do Estado enfrentam um intenso e constante conflito fundiário em sua luta por seus territórios tradicionais.

Conforme aponta o censo de 2010 divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população indígena de Mato Grosso do Sul cresceu 3,1% em 10 anos, somando uma população de 73.295 pessoas que se declararam como indígenas. Campo Grande com 5.657 indivíduos é a capital de estado que ocupa o sétimo lugar entre os municípios brasileiros em quantidade de população indígena. O Estado também abriga duas das cinco maiores etnias indígenas do Brasil: os Guarani e Kaiwá, com 37,4 mil e os Terena com 28,8 mil indivíduos, pertencendo os Terena ao Território Etnoeducacional Povos do Pantanal.

Apenas os números aqui citados já nos demonstram o impacto para a educação, principalmente no que concerne ao aumento de escolas para o atendimento à população

indígena no Estado, onde tem se notado uma multiplicação das concentrações de indígenas, vindos de várias áreas do Mato Grosso do Sul, principalmente, dos municípios mais próximos, como Dois Irmãos do Buriti, Anastácio, Aquidauana, Nioaque e Miranda.

O Território Etnoeducacional Povos do Pantanal é composto por sete etnias indígenas: Terena, Kadiwéu, Kinikinau, Guató, Atikum, Kamba e Ofaié, localizadas em onze municípios: Anastácio, Aquidauana, Brasilândia, Campo Grande, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, Miranda, Nioaque, Porto Murtinho e Sidrolândia. Há um total de 32 (44 quando se agregam as extensões) Escolas em Terras Indígenas desse território etnoeducacional, sendo 15 escolas da Rede Municipal, das quais 14 (catorze) oferecem também a Educação Infantil (537) com um total de 4714 (quatro mil setecentos e catorze) alunos no Ensino Fundamental, 13 (treze) Escolas de Ensino Médio, com um total de 1050 (um mil e cinquenta) alunos, 04 (quatro) escolas que atendem a Educação de Jovens e Adultos, com um total de 479 (quatrocentos e setenta e nove) alunos, somando um total de 6243 (seis mil duzentos e quarenta e três) alunos, além de 100 alunos no Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal, da Secretaria Estadual de Educação do MS.

A LDB, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, por meio do Art. 61, propõe:

"a formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase de desenvolvimento do educando a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço".

Ou seja, a organização do trabalho pedagógico na instituição escolar deve encontrar na prática social seu ponto de partida e de chegada. Dessa forma, o profissional da educação se construirá nas relações sociais, tornando-se sujeito partícipe de um projeto coletivo que poderá conduzi-lo à superação das atuais necessidades.

No caso específico da Educação Escolar Indígena, no que se refere à formação de professores indígenas, os diversos documentos oficiais e as formulações dos próprios indígenas refletem e explicitam claramente temas como currículo e formação especializada de índios enquanto professores exigem políticas integradas de ensino e pesquisa, coerentes com o que reza a Lei 9394/96 em seus artigos 78 e 79, buscando a formulação de princípios pedagógicos, antropológicos, linguísticos, epistemológicos, semióticos, entre outros, que devem nortear as diferentes realidades curriculares experimentadas pelas várias etnias.

A Resolução nº 03/99 do CEB/CNE, que estabelece a estrutura e o funcionamento das Escolas Indígenas, define também critérios para a formação dos professores indígenas, que deverá ser “específica” e orientada “pelas Diretrizes Curriculares Nacionais” (art. 6º).

O art. 7º reza que:

“os cursos de formação de professores indígenas darão ênfase à constituição de competências referenciadas em conhecimentos, valores, habilidades e atitudes, na elaboração, desenvolvimento e avaliação de currículos e programas próprios, na produção de material didático e na utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa”.

Segundo essa Resolução, “será garantida aos professores indígenas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitante com a sua própria escolarização” (parágrafo único do art. 6º).

Segundo o Parecer 14/99³ da Câmara de Educação do Conselho Nacional de Educação, aprovado pela referida Resolução, “é necessário que os profissionais que atuam nas escolas pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar”. Essa formação deve levar em conta o fato de que o professor indígena constitui-se um novo ator nas comunidades indígenas e que terá de lidar com vários desafios e tensões que surgem no contexto escolar. Assim, sua formação deverá propiciar-lhe instrumentos para que possa se tornar um agente ativo na transformação da escola num espaço verdadeiro para o exercício da interculturalidade (BRASIL, 1999b).

O Campus de Aquidauana/UFMS por meio de sua Direção e Conselho de Campus, após ouvir parecer e solicitação dos representantes dos povos indígenas, em consonância com os Art. 62, 78 e 79 da LDB, com a Resolução 03/99 do CEB/CNE e com o Parecer 14/99 da CE/CNE, propôs o Projeto de Licenciatura Plena – Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”, que prevê a formação de Licenciados em Licenciatura Intercultural Indígena com formação em Educação Básica nas áreas: Linguagens e Educação Intercultural, Matemática e Educação Intercultural, Ciências da Natureza e Educação Intercultural, Ciências Sociais e Educação Intercultural, no contexto das etnias Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena.

Trata-se de uma Licenciatura específica e diferenciada, em oito semestres, na modalidade presencial, em regime de alternância, com 120 acadêmicos regularmente

³ Parecer CEB/CNE nº 14/99, páginas 15 a 17 trata da formação do professor indígena.

matriculados, selecionados por meio de vestibular específico. Desses, aproximadamente 30 licenciandos em Matemática.

Ao estudar este curso acreditamos estar contribuindo com o mapeamento da formação de professores no Mato Grosso do Sul e no Brasil.

Objetivos

Objetivo Geral

Traçar compreensões sobre o curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” (Prolind) da UFMS(Campus de Aquidauana), de modo a caracterizar os processos que levaram à criação, implantação e estruturação do curso.

Objetivos Específicos

- Produzir fontes orais e documentais a partir de depoimentos;
- Identificar possíveis compreensões sobre a criação do curso;
- Refletir sobre temas e movimentos que influenciaram a criação do curso;
- Constituir um cenário dos anos iniciais de funcionamento do curso
- Contribuir com o mapeamento da formação de professores de matemática no estado e no país.

Metodologia

Nesta pesquisa buscamos uma abordagem qualitativa por entender que ela nos permite olhar mais subjetivamente para a temática e assim valorizarmos outras formas de se fazer uma investigação, sem perder o teor científico, pois permite o diálogo e a negociação de pontos de vistas entre pesquisador e pesquisado, o que nos permite observar a Licenciatura e os envolvidos nela com olhar mais subjetivo e nos dando a oportunidade de traçarmos novas rotas sempre que necessário. A pesquisa de abordagem qualitativa nos permite caminhar em direção a nosso objetivo sem que fixemos um caminho rígido a seguir, este caminho é constantemente questionado e redirecionado, conforme a necessidade e especificidade da pesquisa.

Portanto, para essa abordagem qualitativa entendemos que a metodologia mais adequada às nossas questões é a História Oral. Uma metodologia que permite a produção de fontes orais e escritas por intermédio de depoimentos transcritos e textualizados.

Possibilitando um olhar sobre os depoimentos, o estabelecimento de um diálogo aberto e a consideração dos pontos de vistas dos entrevistados.

Assim, a partir do diálogo, das diversas visões produzidas e da compreensão do pesquisador sobre as fontes produzidas, conseguimos constituir um cenário e seu entorno. Ao considerar essa metodologia na pesquisa, concordamos com Garnica (2004, p.89) não haver “uma história “verdadeira”, trata-se de procurar pela verdade das histórias, (re) constituindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer”.

Na perspectiva aqui adotada o pesquisador produz histórias sobre o passado a partir de uma perspectiva do presente, embasados nos depoimentos daqueles que viveram um movimento estudado.

Garnica (2011, p.228) enfatiza que:

Para a prática historiográfica, presentificar ausências ou fazer dialogar passado e presente, a partir do presente, implica arbitrar origens e lançar mão de fontes várias, de diversas naturezas, visando à constituição de narrativas que possam dar conta de conhecer práticas, estratégias, concepções, políticas – pontos de vista – que desconhecíamos, que esquecemos ou negligenciamos.

A História Oral como metodologia de pesquisa consegue nos dar esse suporte historiográfico na medida em que fontes historiográficas são disparadas pela oralidade e começam a ser construídas em momentos de entrevista (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011). Após a entrevista é elaborado um texto base, o mais fiel possível a este momento chamado por nós de “transcrição”, que sofrerá diversas alterações das mais diversas ordens, num processo chamado por nós de “textualização”. Este texto final, após validado por nossos entrevistados, é tornado público em sua integralidade, é parte das fontes que constituímos e que desejamos tornar públicas, a chamada “criação intencional de fontes históricas”, tão cara à História Oral.

Segundo Garnica (2011, p.237) o pesquisador ao analisar essas fontes:

[...] pode estabelecer uma versão acerca do contexto abordado pelas fontes (criando, portanto, outra fonte). Num trabalho analítico dessa natureza, uma grande variedade de recursos/fontes (e, conseqüentemente, de pontos de vista) é mobilizada além dos depoimentos orais. Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma

fonte seja valorada de modo diferenciado, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que, não poucas vezes, conflitantes.

O autor nos chama a atenção sobre o cuidado com o trabalho na realizado com essas fontes, além do respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, esclarece-nos ainda que as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (GARNICA, 2011, p.34).

Ao adotar a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa entendemos que, enquanto pesquisadores, temos autonomia, desde que exista um delineamento, um norte, um caminho que aponte possíveis direções. Autonomia no sentido de rever, de voltar, de esclarecer, de mudar alguns passos, de observar atentamente o lado subjetivo das coisas e dos sujeitos. Falamos aqui de um delineamento flexível.

Nesse contexto, para investigar o processo de criação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” - PROLIND, do Campus de Aquidauana da UFMS, e ao mesmo tempo, caracterizar os principais movimentos que constituíram o curso, entendemos que a pesquisa seguirá os seguintes caminhos:

No primeiro momento pretendemos nos apropriar de leituras que esclareçam nossas intenções dentro da Educação Matemática e campo História da Matemática, metodologia e análise da pesquisa, ponto que já vem sendo desenvolvido nessa fase inicial de pesquisa. Destacamos que a participação no grupo de pesquisa é de suma importância desde sua fase inicial até a parte conclusiva já que o grupo traz contribuições valiosíssimas por meio de discussões e questões levantadas, questões essas que acabam por gerar novos posicionamentos e novos direcionamentos dentro da pesquisa.

Temos já alguns documentos que corroborarão nas análises sobre a criação do PROLIND: Editais, Ofícios, Decretos, Resoluções, Projeto Político Pedagógico, entre outros que julgamos importantes para a compreensão do curso. Assim, nesse segundo momento, além de realizar a leitura desses documentos para conhecer o que se tem escrito sobre esta licenciatura, elaboraremos um texto com estas informações com a intenção de contribuir com futuras pesquisas sobre o PROLIND. Faremos este levantamento documental (que serão disponibilizados apenas como possibilidade de leitura), sem perder

de vistas nosso foco na história contada pelos depoentes, personagens que vivenciaram este movimento.

A investigação seguirá na busca de possíveis entrevistados. Pessoas que poderão nos trazer outras histórias, pessoas, documentos, fotos e materiais que possam nos servir de acervo. Para essa escolha de entrevistados, segundo Bauer (2002), não existe um método propriamente definido, o pesquisador deverá usar sua imaginação e pensar no seu objeto de pesquisa para realizar a seleção e que pode ser dividida em fases. Sobre quantas entrevistas serão necessárias, cabe ao pesquisador e orientador decidirem.

Definidos os primeiros depoentes, passaremos a preparação de um roteiro para as entrevistas. Nesse caso, para cada função um roteiro diferente. O roteiro elaborado será socializado com os componentes do Grupo HEMEP para uma discussão conjunta. Pretendemos conseguir 05 entrevistas até o final desse ano.

O momento de produção de fontes trata-se da entrevista, a transcrição e a textualização desta. Entendemos como transcrição a escrita do depoimento na íntegra e textualização como momento em que “ouvimos diversas vezes a entrevista, acompanhando-a a partir da transcrição na tentativa de melhor registrar as falas e os modos de falar ali presentes” (PINTO, 2013, p.28). Depois de lapidada a transcrição, agora transformada em textualização, o texto volta ao depoente para que o mesmo veja se ainda se identifica naquilo que está escrito e, em caso afirmativo, autorize a divulgação do material por intermédio de uma carta cessão.

A próxima fase da pesquisa está em analisar as textualizações, buscando nelas fatos, acontecimentos ou momentos que possam caracterizar o curso a partir do seu início e possibilitem compor um cenário ou panorama da licenciatura.

O tipo de análise que será feita na pesquisa será definido no desenvolvimento da mesma, nesse caso a pesquisa ela poderá optar pelas análises: narrativa ou ainda, de convergência e singularidade.

Uma narrativa “é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Pode dizer-se que as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas” (GALVÃO, 2005, p.328). Ao adotar o método da narrativa como análise, o investigador procura descrever, construir e reconstruir histórias sejam elas pessoais ou sociais (GALVÃO, 2005).

Nessa análise o investigador produz um texto de acordo com seu olhar, apoiado por depoimentos, criando uma narrativa a partir de outras narrativas, ou seja, o investigador apropria-se do texto, atribui os seus significados a ele, construindo uma nova narrativa que também poderá ser vista por outros, percorrendo o mesmo caminho (CURY, 2011).

Na análise de singularidades e convergências, busca-se analisar cada uma das entrevistas, ora em seus aspectos singulares, individuais, ora de forma panorâmica junto ao rol das demais entrevistas. Este modo de análise pode evidenciar temáticas para uma discussão a ser realizada no corpo do trabalho.

Ambas as análises podem contribuir com a nossa pesquisa, conforme o método adotado evidenciaremos um ponto ou outro dentro da temática, os quais, acreditamos, nos guiarão para um determinado referencial teórico que nos possibilite produzir outros olhares, ou mesmo aprofundar os já conhecidos, sobre estes pontos.

Resultados Esperados

Esperamos com isso constituir certo cenário sobre a formação de professores de matemática na Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” do Campus de Aquidauana da UFMS- PROLIND, ao mesmo tempo, contribuir com o mapeamento e acervo do Grupo HEMEP a respeito da formação e atuação de professores de Matemática no estado.

Referências

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 516 p.
- COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 224 p. .
- CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás**. 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; FERNANDES, Déa Nunes; SILVA, Heloisa Da. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática** v. 25, n. 41, p. 213–250 , 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291223514011>>.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática - um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p. .

Galvão, Célia. **Narrativas em Educação**. Revista Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

MEDEIROS, L. M. B. de. **LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA NO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE DA UFPE: UMA VISÃO DO EGRESSO DO CURSO 2009-2012**. 2014. 109f. Dissertação Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2014.

OLIVEIRA, M. A. M. de. **PRÁTICAS VIVENCIADAS NA CONSTITUIÇÃO DO CURRÍCULO DE MATEMÁTICA PARA LICENCIATURA INDÍGENA DOS POVOS GUARANI E KAIOWÁ**. 2009. 133f. Dissertação Mestrado em Educação Matemática. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2009.

PINTO, F. de F. **LICENCIATURA ESPECÍFICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS/TURMA MURA: UM BALANÇO DOS DOIS PRIMEIROS ANOS DO CURSO À LUZ DAS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS**. 2011. 142f. Dissertação Mestrado em Educação. Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM, 2011.

SANTOS, C. M. dos. **ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA INDÍGENA VOLTADA PARA GEOMETRIA NO ENSINO MÉDIO**. 2013. 115f. Dissertação Mestrado em Educação Matemática. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2013.

SILVA, C. A. da. **PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM CONTEXTO MULTICULTURAL**. 2011. 134f. Dissertação Mestrado em Educação Matemática. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2011.

SOUTO, Romélia Mara Alves. História na Educação Matemática - um estudo sobre trabalhos publicados no Brasil nos últimos cinco anos. **Boletim de Educação Matemática** v. 23, n. 35, p. 515–536 , 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291221892025>>.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **História da educação matemática no Brasil: problemáticas de pesquisas, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas**. Editora ed.São Paulo: [s.n.], 2014.